

## UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA DO LITERÁRIO EM MEIO VIRTUAL

Taiza Mara Rauen Moraes<sup>1</sup>  
Carolina Reichert<sup>2</sup>  
João Marcos da Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta reflexões geradas a partir de pesquisas no *blog* <poeticatecnologica.blogspot.com>, no ano de 2015, e objetiva a circulação de experimentos de leitura em meio virtual. A experiência faz parte do projeto desenvolvido no curso de Letras da UNIVILLE, articulado ao Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística, e busca a construção de interfaces entre literatura e informática. O suporte *blog* é um instrumento que auxilia a leitura em um processo imersivo, por abrir espaço de registro do movimento do sujeito leitor como autor e receptor. Os exercícios de leitura propostos foram articulados nas intersecções de linguagens visando viabilizar comentários que demonstrassem impressões críticas construídas e compartilhadas por um grupo e disseminadas pela internet rompendo as fronteiras institucionais e viabilizando o diálogo entre diferentes textos verbais e não verbais. Os conceitos sustentadores das discussões foram de Santaella (2007, 2008, 2010), Lévy (1996, 2003), Foucault (1992) e Manovich (2009), para demonstrar que uma leitura rizomática propiciada pelas redes rompe com os olhares dicotômicos sobre o mundo.

**Palavras-chave:** *Blog*. Leitura. Literatura.

## AN EXPERIENCE OF LITERARY READING IN VIRTUAL ENVIRONMENT

**Abstract:** This article presents reflections arising from searches on *blog* <poeticatecnologica.blogspot.com>, in 2015, and its objective is to promote the circulation of reading experiments in a virtual environment. The experience is part of the project developed on the UNIVILLE's Languages course, articulated with the Center for Research in Informatics, Literature and Linguistics (Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística), which seeks to build interfaces between literature and technology. The support *blog* is an instrument that helps at reading in an immersive process, by providing the record of the reader subject's movement as author or as receptor. The reading exercises proposed were articulated in the intersections of languages aiming to enable comments that showed critical impressions built and shared by a group and disseminated over the Internet, breaking institutional boundaries and allowing dialogue between different verbal and non-verbal texts. The concepts which sustain the discussions were from Santaella (2007, 2008, 2010), Levy (1996, 2003), Foucault (1992) and Manovich (2009), to demonstrate that a rhizomatic reading provided by the web breaks with dichotomous views over the world.

**Keywords:** *Blog*. Reading. Literature.

### 1 INTRODUÇÃO

O ponto de partida foi a assertiva de Lévy (1996), que propaga que a virtualização do texto e da leitura na *web* atualiza diferentes memórias organizadas em dois grupos. O primeiro grupo de memórias é constituído por reservas documentais, dados que asseguram um endereço e redes de indicadores, e o segundo articula organizações “seletivas e subjetivas do estoque” de informações. Para Lévy a digitalização constrói um grande plano semântico, acessível em múltiplos lugares e passível de produção

<sup>1</sup> Professora TI, coordena o Grupo de Pesquisas do CNPq *Imbricamentos de Linguagens*, que estuda os processos de intersecção das linguagens numa proposta conceitual de pensar o fenômeno na contemporaneidade e seus efeitos na cultura, produção veiculada - <imbricamentosdelinguagens.blogspot.com>. Pesquisadora no projeto *Autores, obras e acervos literários catarinenses em meio digital* - PRONEX/FAPESC/CNPq - UFSC/UEDESC/UNIVILLE e Universidade Complutense de Madri, objetivando a elaboração de material literário didático em meio digital de leitura, ensino e aprendizagem de literatura, - <poeticatecnologica.blogspot.com>. Coordena o Programa de Incentivo à Leitura - PROLER/UNIVILLE que desenvolve políticas de leitura em rede. Atua no MPCS: Estudos Culturais; Cultura Verbal e Cultura Visual, Seminário de Dissertação II, Patrimônio Cultural e Redes Sociais, Estudos Culturais e LETRAS: Teoria da Literatura, Literatura Brasileira. E-mail: moraes.taiza@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Língua Inglesa; Universidade da Região de Joinville - Univille. E-mail: crreichert@gmail.com

<sup>3</sup> Graduando em Letras - Língua Portuguesa; Universidade da Região de Joinville - Univille. E-mail: jms.jmarcos@gmail.com

coletiva, retomadas e modificadas. Portanto, ao pensarmos o uso do *blog* como suporte de leitura, identificamos neste espaço um lugar possível para instaurar experimentos com o literário. A leitura no *blog* pode se transformar num jogo que movimentava linguagens visual-icônica-verbal e promove uma interação inter e intratextual geradora de fluxos contínuos de criação, na qual o internauta intercambia papéis, assumindo-se ora como leitor, ora como produtor. Assim sendo, é rompida a dicotomia leitor/autor geradora de novas percepções leitoras.

A leitura em rede funciona com um rizoma, sem um centro fixo, pois conforme Kastrup (1994) o rizoma não é uma forma, assim não apresenta limites definidos, sendo um meio para que elas emergem. O rizoma opera uma conexão por contágio e se enraíza em múltiplas direções gerando cadeias semióticas e uma cartografia aberta para novas topologias.

A experiência desenvolvida no *blog* <poeticatecnologica.blogspot.com><sup>4</sup>, espaço virtual criado para o registro dos movimentos do leitor como autor e receptor, rastreia e investiga os espaços de instabilidade e de indefinição dos papéis entre autor/leitor no ato da escrita questionados por Foucault (1992, p. 35), que ao olhar sobre os movimentos da escrita percebe seus desdobramentos “[...] como um jogo que vai infalivelmente para além das suas regras, desse modo as extravasando.” Assim, a proposta de construção e experimentação leitora prevê a criação de ambientes virtuais que auxiliem e (re)configurem o ensino e aprendizagem da literatura na educação básica, no ensino superior e na pós-graduação, além de desenvolver ferramentas de leitura a serem usadas nos cursos de licenciatura.

## 2 DESENVOLVIMENTO

A experiência relatada compreende a leitura do literário por meio do *blog*, explorando o campo virtual, em exercícios que movimentam as linguagens visual-icônica-verbal, aplicados no 1º ano de Letras da Universidade da Região de Joinville, SC – UNIVILLE, em 2015, a partir de análise de comentários postados nos exercícios de leitura do literário propostos. O exercício em questão refere-se às construções da voz do indígena, do século XVI à atualidade, e foi elaborado por bolsistas do projeto da UFSC/FAPESC “Autores, Obras e Acervos Literários Catarinenses em Meio Digital – CAPES – Projetos no Exterior - PRONEX II”, em parceria com a Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC e Universidade Complutense de Madri. A análise objetivou detectar os modos de leitura com diferentes tipos de textos midiáticos, considerando produções inicialmente publicadas em livros e posteriormente digitalizadas e postadas na Biblioteca Virtual do Núcleo de Pesquisa em Informática, Linguística e Literatura - NUPILL – UFSC, ou gravados em CDs/DVDs, e tipos de mídia não explicitamente feitos para a *web*, porém incorporados com o advento da mídia social, categoria nomeada por Manovich (2009) como “mídia digital adequada”<sup>5</sup> (fotografia, vídeo, música), para diferenciar da *web native*, ou *web destina*<sup>6</sup> (*blogs* e *sites*) ao contrapor linguagens e suportes.

O exercício *A voz indígena - do século XVI à Contemporaneidade*, postado no dia 25 de março de 2015 no *blog Poética Tecnológica*, objetivou criar espaços em que elementos articuladores, como textos, hiperlinks, conceitos, ou demais agentes, colaborassem para um aprofundamento da leitura, que adentra níveis de percepção variados de acordo com as conexões ocorridas no processo da rede. Assim, reafirmamos Santaella (2010) que compreende a rede como constituída por conexões múltiplas, articulações e laços criados a partir de diferentes atores, sendo estes os elementos, humanos ou não, que

<sup>4</sup> O *blog*, poeticatecnologica.blogspot.com, é um subprojeto do Projeto *Autores, obras e acervos literários catarinenses em meio digital* – PRONEX II/ UFSC/ UDESC/ UNIVILLE/ Universidade Complutense de Madri (FAPESC/ CNPq) coordenado pelo Prof. Dr. Alckmar Luiz dos Santos (UFSC).

<sup>5</sup> “Mídia digital adequada”, para Manovich (2009) significa as mídias que não eram originalmente produzidas para a *web*, mas incorporadas a ela com o seu advento.

<sup>6</sup> *Web native* ou *web destina* são as mídias produzidas para a *web*.

promovem ação. Partindo de um princípio não ordenado, os agentes conectam-se em pontos distintos e variados, que permitem determinadas percepções de acordo com as ligações surgidas.

A palavra “redes” é importante para indicar que os recursos estão concentrados em alguns lugares: os nós e os conectores ligados uns aos outros. Essas ligações transformam recursos dispersos em uma rede que pode se expandir para todos os lados. (p. 39).

No processo de leitura, os sujeitos agem sobre os elementos textuais, mas também sofrem ação de variados agentes. Esses usuários são identificados por Santaella (2008) em três perfis de internautas: o navegador ou internauta errante; o internauta detetive; e o internauta previdente. O navegador, ou internauta errante é quem promove inferências, explorando aleatoriamente o campo da hipermídia, num processo gradativo de substituição da perplexidade pelo entendimento; o internauta detetive é aquele que seleciona os índices dos ambientes hipermediáticos, a partir de uma lógica de probabilidades, utilizando estratégias de busca promotora de avanços, erros e auto-correções; e o internauta previdente é aquele utiliza inferências dedutivas para avançar nos ambientes informacionais, seguindo a lógica da previsibilidade, pois já passou pelo processo de aprendizagem. Portanto, os leitores demonstram a percepção de (des) e (re) territorialização de um espaço tempo construído, em meio eletrônico, viabilizando comparações textuais que em outros suportes seriam difíceis de serem efetuados. Porém, os níveis de mobilidade de navegação na *web* são oscilantes em decorrência de possibilidades de cruzamentos não previstos antecipadamente.

Assim sendo, a postagem intencionou criar um espaço de reflexão sobre a voz do indígena contemporâneo em contraste aos olhares sobre os povos nativos construídos ao longo dos séculos por colonizadores, pesquisadores e artistas, objetivando novas identificações culturais, num exercício conduzido para o deslocamento temporal do olhar e para a percepção de valores culturais criados por outrem em contraponto à afirmação dos próprios valores pelo indígena. O exercício postado oportunizou contato com um fragmento da *Carta de Pero Vaz de Caminha* (extraído da Biblioteca Virtual do Nupill), um excerto do texto *Cultura Colonial*, do estudioso Werneck Sodré<sup>7</sup>, a canção popular *Índios*, do grupo musical brasileiro Legião Urbana e uma entrevista com o cacique Marcelino Apurinã, trazendo para os acadêmicos de Letras múltiplas vozes de diferentes tempos, chamando atenção para o sufocamento da voz do próprio indígena, uma vez que esta só encontrou espaço na atualidade.

A imagem a seguir apresenta o trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha utilizado para o exercício, que foi retirado da Biblioteca do Nupill<sup>8</sup>.

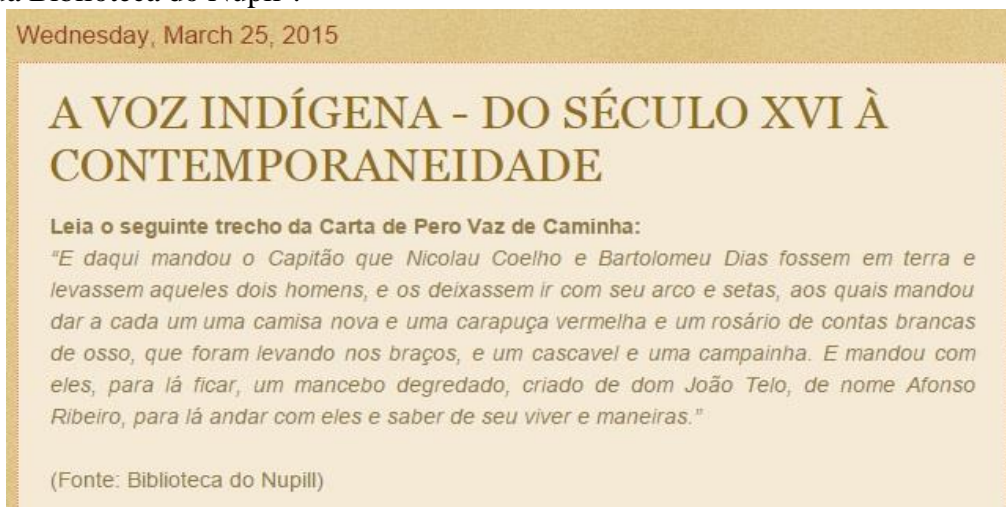


Figura 1: Trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha no *blog Poética Tecnológica*

<sup>7</sup>SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese da história da cultura brasileira*. 20 ed. Editora Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2003.

<sup>8</sup> <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>>

Esse parágrafo demonstra o pensamento invasivo por parte dos colonizadores e a primeira incisão cultural, percebida na entrega de artefatos europeus para os indígenas. O contato de culturas efetuado salienta a intenção européia de criar uma imagem dos povos nativos para o rei de Portugal, com intuito de possibilitar a futura exploração mercantil.

Esse aspecto é reforçado pelo excerto do estudioso Werneck Sodré, no texto “Cultura Colonial”, conforme indica a seguinte imagem.

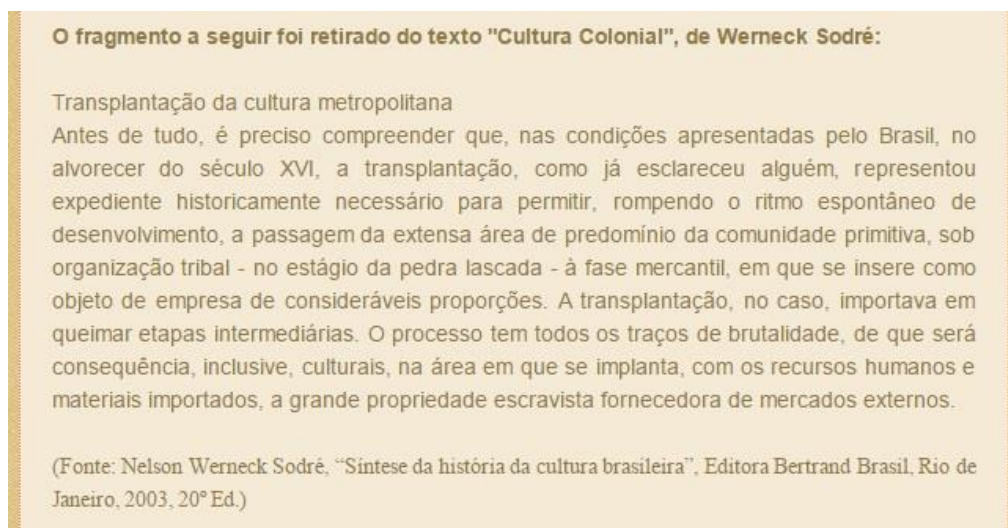


Figura 2: Trecho do texto *Cultura Colonial*, de Werneck Sodré, no blog *Poética Tecnológica*

Sodré atenta para o processo repentino e violento da transplantação de cultura, em que os europeus colonizadores oprimiram a voz indígena com suas intenções escravocratas e mercantis. Como mostra o texto, o processo de exploração e contato, que resultaram na transplantação cultural, objetivaram queimar etapas na abertura de mercados de extração.

Os estudos sobre o processo colonizador permitiram reconstruir o olhar sobre o indígena na contemporaneidade, o que gerou múltiplas manifestações, como é o caso da arte, representada no exercício pela canção Índios, da Legião Urbana, vista nas figuras 3 e 4.



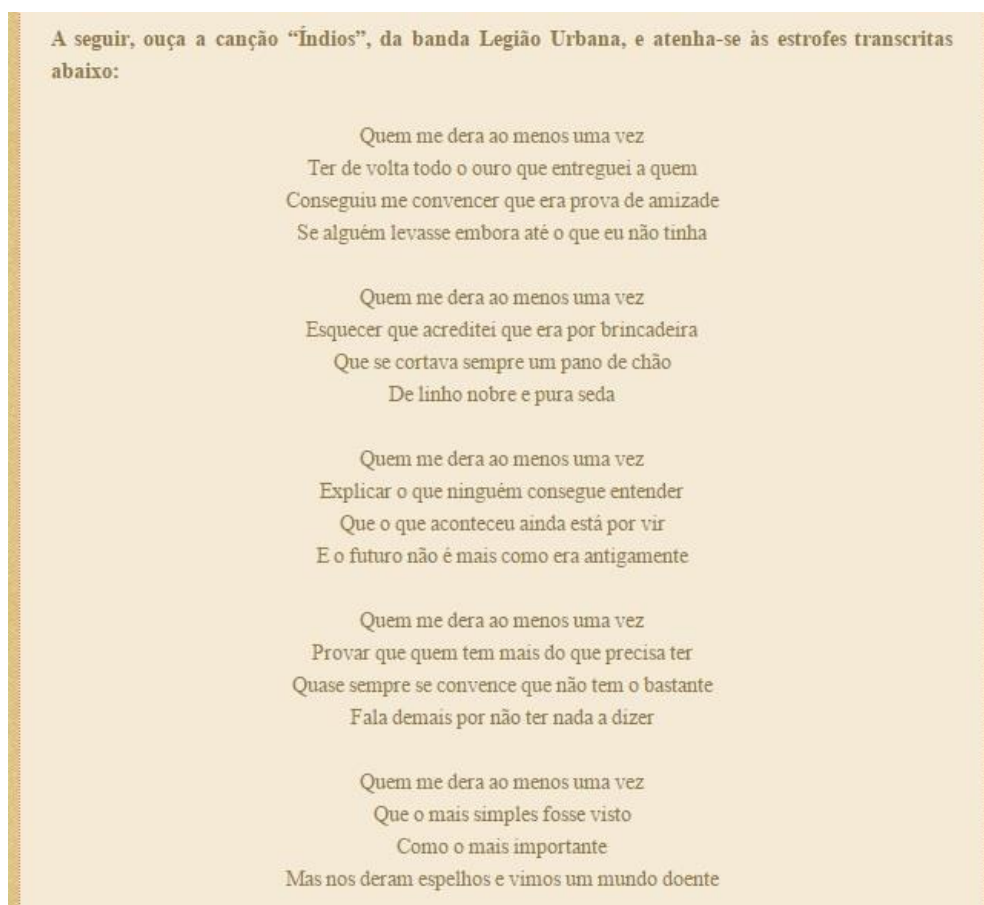


Figura 3: Letra da canção *Índios*, da Legião Urbana, no blog *Poética Tecnológica*



Figura 4: Vídeo com a canção *Índios* no blog *Poética Tecnológica*

Embora haja um novo olhar sobre o processo colonizador, é importante ressaltar que ainda é um olhar branco, o que não gera a abertura de espaço para o indígena, mas sim para a reflexão sobre essa figura. No âmbito da experiência com o literário no *ciberespaço*, a escolha agrega diferentes linguagens, como a sonora e a poética.

Por fim, a postagem incluiu um vídeo<sup>9</sup> com a entrevista do Cacique Marcelino Apurinã, que contrapõe a voz do branco.

<sup>9</sup> <<https://www.youtube.com/watch?v=FCQwceUKDh8>>



Figura 5: Entrevista com o cacique Marcelino Apurinã e proposta de reflexão no *blog Poética Tecnológica*

Desse modo, foi realizado o imbricamento de vozes, em consonância com as diferentes manifestações de linguagens, para a verificação de como os leitores refletiriam sobre a construção da voz indígena.

Os 18 comentários postados no exercício sinalizam diferentes deslocamentos temporais para percepção da voz do indígena ao longo dos séculos e das variações ideológicas de mundo. O recorte analítico efetuado em três comentários de uma postagem buscou compreender o movimento da leitura no ambiente hipertextual, em que foram percebidos diferentes espaços de reflexão. O comentário a seguir apresenta uma imersão crítica por parte dos internautas:

Quando os portugueses desembarcaram no Brasil em 1500, logo depararam-se com uma cultura que era considerada “sem alma”. Encontraram um povo selvagem, intrinsecamente ligado à natureza, de hábitos estranhos ao homem branco. Os indígenas dependiam essencialmente do meio natural para sobreviverem, ao passo que os portugueses tendiam a dominar a fauna e a flora de acordo com seus propósitos. Os visitantes viam os nativos como uma população parada no tempo, porém satisfeita. Após aprenderem sobre a cultura indígena e seu modo de viver, os portugueses iniciaram um processo de aquisição de confiança dos índios e, conseqüentemente, fizeram uma transplantação da cultura branca para aquela terra intocada e opulenta. Os nativos, ingênuos e deslumbrados pela grandiosidade dos colonizadores, foram ludibriados, forçados a ceder todas as suas crenças e sua liberdade, em prol do desenvolvimento da colônia portuguesa em suas terras. Por meio de violência e trapaças, o homem branco ocupou o território indígena ao longo do tempo, e implantou sua cultura (idioma, religião, comportamentos, entre outros) nos selvagens, acreditando que assim estavam oferecendo uma alma àqueles que antes eram vazios de espiritualidade. Os portugueses criaram um Brasil ignorando o preceito essencial da cultura nativa: cuidar e ser cuidado pela natureza, sem desejar mais do que o necessário para a sobrevivência. Hoje, os índios sobreviventes ou foram engolidos pela transplantação cultural, ou vivem o resquício de seu passado, sem exercer a devida influência no que sua terra se tornou. O mundo moderno avança a passos largos em direção a um fim óbvio, esgotando os recursos naturais, que

antigamente eram abundantes; extinguindo a população indígena, deixando para trás sua sabedoria sobre a natureza em função do “progresso”. O futuro deixou de ser como era antigamente.<sup>10</sup>

O exemplo identifica os internautas que postaram o comentário como previdentes, segundo a classificação de Santaella (2008), ou seja, que se percebem como pesquisadores, se movimentando com habilidade no *ciberespaço*, ampliando conexões informativas, geradoras de novas reflexões que levam à construção e materialização do conhecimento. O comentário reflete posicionamento crítico a respeito do tema proposto, que parece ter sido alimentado pelas diferentes fontes disponibilizadas na postagem. Os autores não compararam explicitamente os quatro textos, no entanto utilizam todos os textos para compor um pensamento que avança em relação ao que está dito na postagem. O último parágrafo, por exemplo, demonstra absorção da fala do Cacique Apurinã (“cuidar e ser cuidado pela natureza, sem desejar mais do que o necessário para a sobrevivência”), bem como referência à canção *Índios* (“O futuro deixou de ser como era antigamente”). Essa ausência de citação direta caracteriza a linguagem de espaços informais na *web*, caso do *blog*, nos quais apropria-se de falas alheias para expressar novos pensamentos, sem preocupação com creditação. Isso reforça a ideia de Santaella (2010) de que os internautas conectam-se a diferentes objetos, assim os links realizados modificam os conhecimentos prévios, ampliando o olhar crítico. Cada ponto de conexão ressignifica o objeto de estudo, desenvolvendo espaços de reflexão imersivos.

No segundo exemplo, o grupo de internautas desenvolveu um olhar comparativo entre os excertos apresentados, equilibrando a percepção pessoal sobre o tema e os novos olhares contatados.

No trecho da carta de Pero Vaz de Caminha, percebemos que a intenção dos portugueses era não só a exploração dos índios, mas também a imposição da sua cultura sobre eles. A concepção dos colonizadores era de que os índios eram atrasados cultural e espiritualmente. Então, como evidência o fragmento do texto do texto “Cultura Colonial”, de Werneck Sodré, ocorreu, de forma brutal, a transplantação da cultura metropolitana. Acreditando estarem contribuindo para o progresso do Brasil, os portugueses acabaram impedindo a propagação da cultura indígena, que pensa muito mais no bem estar da natureza e das pessoas, mesmo que isso signifique viver com pouco, como menciona o cacique Marcelino Apurinã, na entrevista para a TV NAVEGAR. Para ele, os índios são o progresso do Brasil, esse modo de pensar é que leva uma nação a evoluir. A entrevista vai de encontro com a música “Índios”, do grupo Legião Urbana, que alega que ser é mais do que ter.<sup>11</sup>

Esse comentário hibridiza o gênero acadêmico com o virtual. O acadêmico, pois preocupa-se em explicitar as referências, demonstrando as conexões feitas que influenciaram no processo de construção do texto. Assim, difere-se do virtual, uma vez que entende a postagem como um processo avaliativo. Desse modo, as conexões realizadas são diferentes, pois os internautas procuram nos fragmentos disponibilizados as informações que auxiliarão no desenvolvimento da resposta.

Contudo, é possível perceber caráter informal no texto, pois notam-se pistas que denunciam uma escrita menos criteriosa do que a acadêmica. É o caso da sentença “[...] como evidência o fragmento do texto do texto [...]”, em que a repetição da palavra “texto” demonstra que o comentário não foi revisado, como é comum em ambientes virtuais. Também a utilização da expressão “vai de encontro com” mostra que a preocupação não é com a utilização da norma padrão da língua, uma vez que o correto seria “vai ao encontro de”. Esses exemplos se constituem de características de escrita de comentários, pois o foco é o que se quer dizer, não a forma como se diz. Outro fator que influencia nesses aspectos é a necessidade de uma escrita imediata, confirmando o conceito de rede proposto por Santaella (2008) no qual, em ambientes virtuais, ocorre estreitamento entre tempo e espaço.

<sup>10</sup>Comentário postado por acadêmicos do 1º ano do curso de Letras – UNIVILLE, no *blog* Poética Tecnológica, 25/03/2015.

<sup>11</sup>Comentário postado por acadêmicos do 1º ano do curso de Letras – UNIVILLE, no *blog* Poética Tecnológica, 25/03/2015.

Sob esse olhar, a terceira postagem em análise reforça o caráter sucinto da escrita virtual, sobretudo em comentários, em que os internautas optam, preferivelmente, por sintetizar a ideia em poucos caracteres.

Tanto a entrevista, música e o texto elevam uma reflexão de domínio maior. O nosso ponto de vista é como a forma do sistema capitalista é formado, deixando falhas como consumo em excesso, individualismo e isso interfere na sociedade como um todo.<sup>12</sup>

Os usuários do *blog*, ao construírem um comentário com poucos argumentos, mostram que utilizaram apenas uma das fontes disponibilizadas (a entrevista com o cacique Apurinã). Essa leitura rápida se reflete na produção do comentário, uma vez que a leitura incompleta da postagem não permite a criação de *links* entre os diferentes olhares propostos no exercício, impedindo o desenvolvimento de base argumentativa que comprova a leitura do literário. Tais aspectos revelam um internauta errante, ou navegador, descrito por Santaella (2008) como aquele que não se atém às informações e não estabelece os *hiperlinks* que indicam circulação eficiente no meio virtual.

Nos comentários analisados, o trânsito no *ciberespaço* viabilizou leituras hipertextuais, e os *links* com as linguagens verbais e audiovisuais possibilitaram gerar deslocamentos de espaços e de tempos identificadores de olhares sobre a construção histórica da voz indígena. Portanto, as postagens propiciaram a identificação dos diferentes tipos de internautas apontados por Santaella (2008). Desse modo, a experiência realizada em laboratório mostrou que é possível o trabalho de leitura do literário em *blog*, se os leitores forem capazes de estabelecer as relações necessárias entre os diferentes gêneros que aparecem no meio virtual, filtrando conteúdo que auxilie na construção de pensamentos próprios. Os internautas “previdentes” circulam no hiperespaço e se apropriam de informações para a construção de mosaicos de percepções, conectando ideias e olhares, textos verbais e não verbais, reconstruindo, assim, valores e realidades.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da análise mostram diferentes relações com as múltiplas linguagens no ambiente virtual, uma vez que os espaços abertos pelo exercício de leitura geraram reflexões e articulações diferenciadas a partir das leituras prévias, em suporte livro, e das novas leituras no suporte *blog*, que sinalizam os três perfis de internauta propostos por Santaella (2008), errante, detetive e previdente, demonstrando que os leitores oscilam entre *o cognitivo e o imersivo*. Desse modo, enquanto alguns se limitam a operar uma síntese, outros navegam em busca de registros hipertextuais, demonstrando que no espaço/ tempo virtual podemos ser alimentados por imagens visuais e sonoras, se os usuários se dispuserem a estabelecer conexões ou *links* disponíveis no espaço.

O exercício de forma híbrida mesclou uma proposta formulada na intersecção de linguagens que pressupõe a liberdade de navegar no espaço virtual, no entanto foi condicionada ao limite de 2 horas-aula, adequando à grade curricular da instituição. Assim sendo, as leituras reafirmam Santaella (2007) nas suas avaliações de comunicação em rede ao identificar que o sujeito cultural é diferenciado do “indivíduo racional e autônomo” tipificado pela cultura impressa. O rompimento com a materialidade da letra sobre o papel e da autoria com a emergência da cibercultura viabiliza aos sujeitos serem mediados pela linguagem que instaura “uma cultura de simulação”, pois a mídia transforma as realidades embaralhando identidades e referencialidades, abrindo espaços para multiplicidades identitárias.

A leitura rizomática propiciada pelas redes rompe com os olhares dicotômicos sobre o mundo, operando a renovação da inteligência coletiva em sintonia com Lévy (1996, p. 49), segundo o qual a leitura em rede “não remete mais exclusivamente à interioridade de uma intenção, nem a hierarquias de significações esotéricas, mas antes à apropriação sempre singular de um navegador.”

---

<sup>12</sup>Comentário postado por acadêmicos do 1º ano do curso de Letras – UNIVILLE, no *blog* Poética Tecnológica, 25/03/2015.



Enfim, a leitura em *blogs* pode abrir possibilidades comparativas e imersivas, ressignificando olhares sobre o literário, sinalizando a complexidade da comunicação, que alimenta e é alimentada no tempo e no espaço.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. 3 ed. Lisboa: Passagens, 1992.

KASTRUP, Virgínia. A rede, uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, André (org.) **Tramas em rede**. Porto Alegre: Sulinas, 1994, p. 80-90.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

MANOVICH, Lev. How to follow global digital cultures, or cultural analytics for beginners. Disponível em: <<http://www.manovich.net/articles.php>>. Acesso em: 05 set. 2015.

NUPILL, Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblioteca de Literatura de Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/>>. Acesso em: 05 set. 2015.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia. O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **[Re]discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 47-72.

SANTAELLA, Lucia. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. Paulus: São Paulo, 2010.

TECNOLÓGICA, Poética. **Leitura mediada por Recursos Tecnológicos**. Disponível em: <<http://poeticatecnologica.blogspot.com.br/>> Acesso em: 02 ago. 2015